

# Desemprego cresce em 96

■ Fernando Henrique diz, em entrevista ao jornal francês 'Le Figaro', que o problema vai se agravar ainda mais até o fim do ano

DORA KRAMER

PARIS — Em entrevista de meia página publicada ontem com destaque da capa no jornal *Le Figaro*, que apoia



o presidente Jacques Chirac, Fernando Henrique Cardoso reconheceu que o desemprego no Brasil este ano será maior que em 1995. "Nós tivemos uma taxa de 5% no ano passado e deveremos ter um índice de 6% de desemprego neste ano", disse. Ele repetiu o discurso interno em defesa do Real e a justificativa de que o plano melhorou a vida do pobre e ainda assegurou que a nova moeda trouxe não apenas estabilidade econômica, mas também "estabilidade de espíritos".

O aumento de 5% para 6% na taxa de desemprego estimado pelo presidente Fernando Henrique significa que, até o fim do ano, mais 710 mil pessoas estarão batendo de porta em porta, atrás de trabalho. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) considera desempregado o indivíduo que não está fazendo absolutamente nada e que saiu de casa para procurar emprego na semana anterior.

A metodologia, recomendada pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), é utilizada em to-

do o mundo. A questão é que o setor informal atingiu proporções tão gigantescas no país — cerca de 40% da economia — que a realidade está exigindo nova abordagem estatística.

Para ver com mais clareza o problema brasileiro, é preciso, segundo o presidente do IBGE, Simon Schwartzmann, combinar a metodologia oficial com dados sobre a economia informal. Pelas últimas pesquisas divulgadas pelo IBGE, que já apontam uma taxa de desemprego de 6% em abril, apenas 47% dos trabalhadores tinham sua carteira assinada.

Na Europa, o desemprego parece à primeira vista maior que no Brasil. Na Espanha, onde é mais crítico o problema, atinge mais de 20% da população economicamente ativa. Lá, entretanto, o desempregado vive melhor que o subempregado no Brasil, pois conta com um seguro desemprego de patamar equivalente a seu salário anterior.

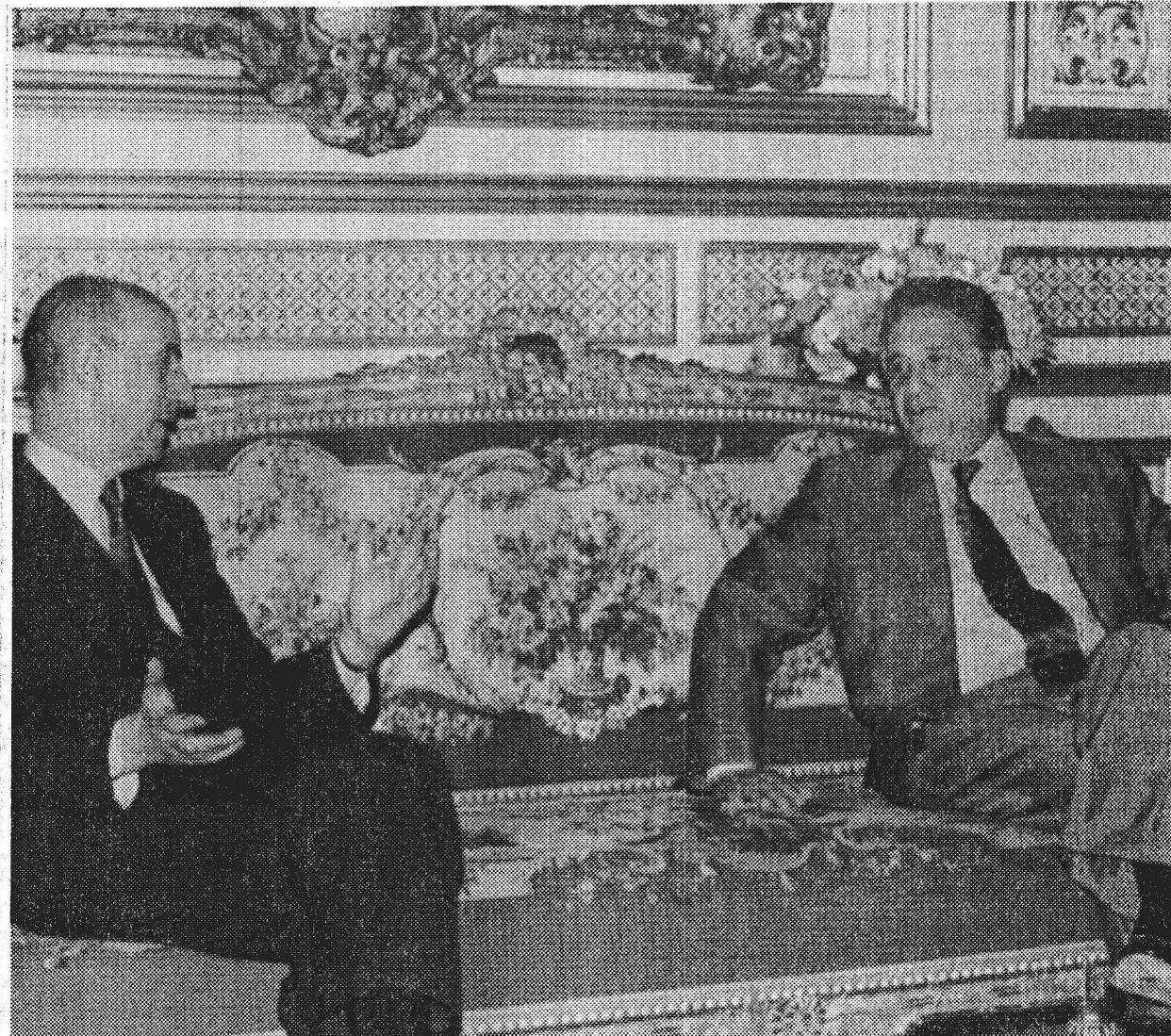
O tom da reportagem do *Le Figaro* é um tanto otimista para as dificuldades que Fernando Henrique enfrenta no plano interno onde os espíritos não estão exatamente apaziguados. Mas o jornal também não deixou escapar um agrado, ain-

da que involuntário: subtraiu dois anos na idade do presidente que, de 65 a serem completados no próximo 18 de junho, passou a ter 62.

Fernando Henrique falou longamente a respeito das realizações de seu governo e garantiu que o processo de privatização e a abertura da economia ao capital estrangeiro são absolutamente irreversíveis.

Pela primeira vez desde que deu, na Argentina, declarações de resultados infelizes a respeito da reeleição, Fernando Henrique retomou o tema na entrevista ao jornal francês. O repórter do *Figaro* perguntou se esse projeto de transformação do Brasil que demandaria um longo tempo não o faria propor uma modificação constitucional que lhe desse direito a mais um mandato.

O presidente disse que no Brasil ele não pode falar nesse assunto sem que provoque uma reação negativa. "Os brasileiros pensariam que tudo o que eu faço é pensando na reeleição". Em seguida, fez uma comparação com o presidente da Argentina, Carlos Menem, dando uma pista de qual será o seu *timing* para a reeleição: "Ele pediu a reeleição num bom momento, ao final de seu mandato".



Paris — AP

Louis Gallois (E), da Aerospatiale, disse a Fernando Henrique que sua empresa fará parcerias com o Inpe